REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 264

21 DE ABRIL 1886

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Ainda a Patti!

É positivamente um milagre, um d'esses milagres que só o genio póde fazer, o que Adelina Patti tem realisado em Lisboa: — subjugar a attenção do lisboeta durante cerca de um mez, e conseguir encher o theatro de S. Carlos oito noites, com uns preços elevadissimos para as forças pecuniarias da nossa sociedade, embora muito rasoaveis para o merecimento extraordinario da cantora e para a nota excepcional que as suas representações vieram trazer á historia do nosso theatro lyrico.

Conseguir preoccupar Lisboa durante vinte e quatro horas nada mais facil, qualquer gatuno habil que rouba um relogio com certa originalidade o consegue: agora preoccupal-a durante vinte e quatro dias é realmente uma façanha prodigiosa de que só uma artista como a Patti seria capaz.

A Sarah Bernhardt, a grande Sarah, com todo o brilho da sua gloria, e com toda a fama das suas excentricidades, não se aventurou a semelhante ousadia: passou por Lisboa rapidamente, chegou, representou e foi-se embora; um verdadeiro meteoro; deslumbrou o publico e foi-se sem lhe dar tempo de esfregar os olhos.

Todas as grandes celebridades que se demoram entre nós teem-se dado mal com a insistencia.

O enthusiasmo lisboeta tem um periodo agudo, extremamente rapido, depois cae logo no ramrão de todos os dias.

Vejam por exemplo o Rossi, o Salvini, a Pezzana, a Pasquali, a Paladini, a Preciozi. Nos primeiros dias foguetes sobre foguetes, depois o publico quasi que lhes batia com as canas.

A Patti abriu uma excepção unica na nossa terra.

O enthusiasmo cresce de dia para dia; de recita para recita augmentam as difficuldades para arranjar logares na vasta sala do theatro de S. Carlos, e o *successo* cada vez se affirma mais ruidoso, mais completo.

E esse *successo* é exclusivo da Patti, unicamente d'ella.

O reportorio dos mais vistos e o mais caído em desagrado em Lisboa não chama só por si uma unica pessoa. Pelo contrario é reportorio para afastar publico; o *Barbeiro*, a *Lucia* (Ouf!) a *Traviata* (oh! pelo amor de Deus!)

O *ensemble* d'essas operas fastidiosas para Lisboa, faz ainda fugir mais que o proprio titulo das peças.

O *Barbeiro*, a opera da estreia da Patti, foi a unica excepção; Rosina, a Patti; Almaviva, Masini; Figaro, Cotogni; era uma *trauvaille* para os *dilletanti*, um espectaculo unico nos annaes do nosso theatro, e que difficilmente tornará a repetir-se.

Mas depois d'este *Barbeiro* a *Lucia* sem um artista de fama, sem um cantor das sympathias do publico: e depois a *Traviata* apenas com o Cotogni n'um papel com que elle já não podia, que não estava no seu genero.

Pois apesar de tudo isso, a *Lucia* e a *Traviata*, deram-se duas vezes cada uma e deram as mesmas enchentes enormes, os bilhetes foram ainda disputados com maior avidez, do que quando se tratava do *Barbeiro de Sevilha*.

Se isto não é um triumpho enorme para a Patti, não sei o que seja triumpho.

Eu tenho certo escrupulo em estar a fazer d'esta chronica de Lisboa, uma chronica puramente theatral, mas não sei como deixar de o fazer desde o momento que o theatro de S. Carlos tem sido e é ainda a preoccupação dominante da nossa cidade.

Houve ha dias um crime que fez certa sensação, que chamou por algumas horas a attenção do publico.

O porteiro do Hotel Braganza, Francisco Gonçalves de Faria, levado pelo ciume, matou na rua de Santo Antonio á Estrella, sua amante Adelaide Candida, por ella ter fugido da sua companhia para ir viver com outro homem.

Este assassinato sobresaltou a opinião publica, occupou-a durante momentos.

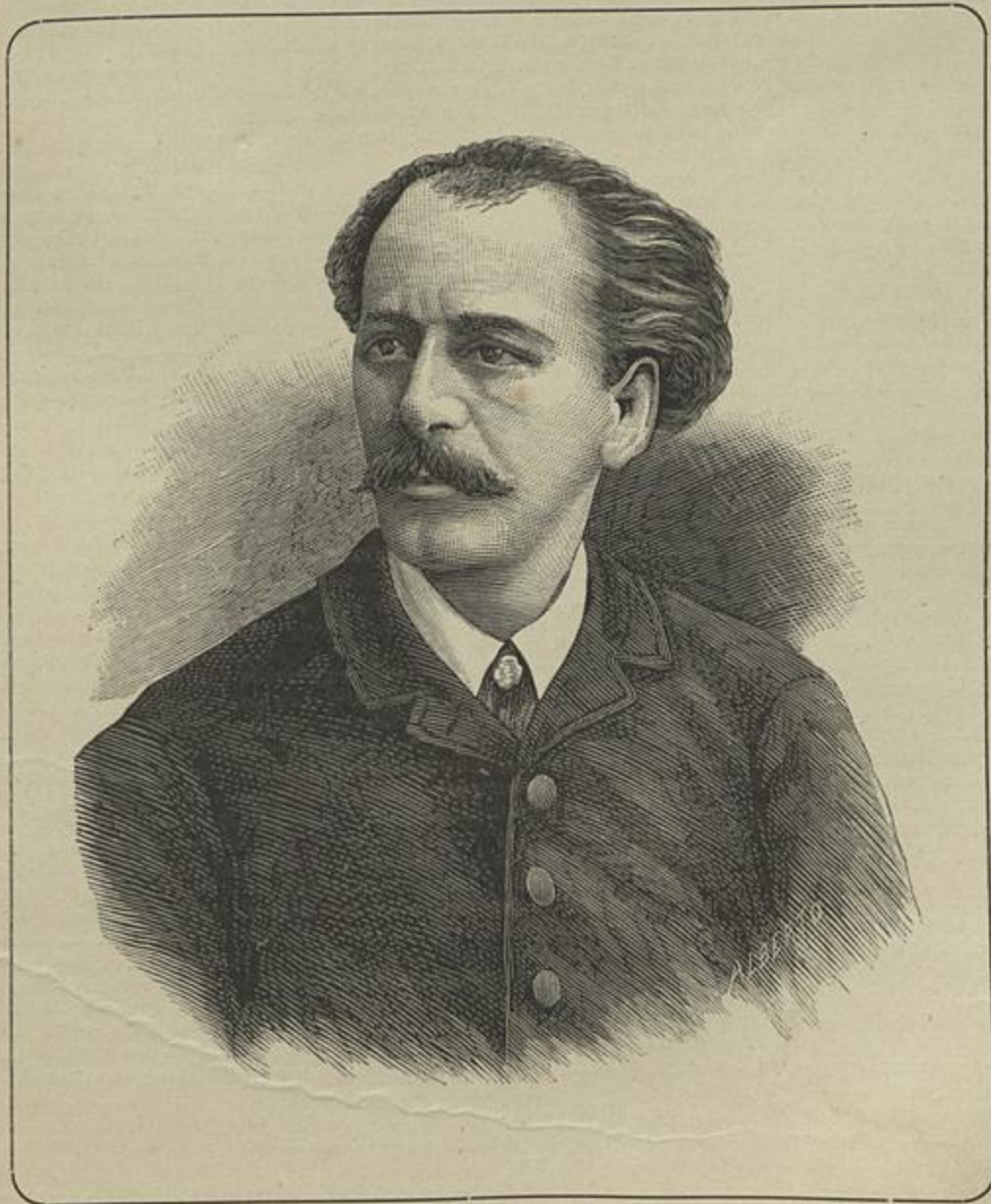
Procurou-se avidamente o drama que esse ciume desenlaçára tão brutalmente, mas no fim de contas esse drama não era tão interessante como a principio se imaginára.

Esse vingador terrivel da sua honra não tinha muito que vingar, porque não se tratava no fim de contas de uma questão de honra.

Aquelle amante que matava a sua amada por tel-o atraiçoado, não tinha, mesmo dentro do codigo que os romancistas fabricam para seu uso, muita razão para fazer isso. Elle era casado com outra mulher de quem vivia separado; ella, era tambem casada com outro homem que atraiçoára em tempo por sua causa.

O delicto que Francisco Gonçalves vingára, era egual ao delicto que a sua victima praticou em seu proveito, pena de Talião.

Não faças a outrem aquillo que não queres que te façam a ti, diz a sabia lei de Jesus.

Francisco Gonçalves não esteve por essa lei.

J. MASSENET, AUCTOR DA OPERA «HERODIADE» (Segundo uma photographia)

É um desgraçado, póde ter muitas attenuantes do seu crime, e tem-n'as effectivamente porque os jornaes estudando com uma minuciosidade de juizes de instrucção a historia do criminoso, os antecedentes d'elle e da sua victima — prestando um bom serviço á Justiça com J grande e com j pequeno, tanto á Justiça immutavel, como á justiça hospeda da Boa Hora — fizeram conhecidos do publico os caracteres dos dois heroes d'esta triste aventura, desenharam nitidamente o passado d'essas creaturas, que o acaso mais do que o amor, enlaçou, fóra da legalidade, e que fóra da legalidade, agora o crime divorciou.

Póde ter muitas attenuantes dissemos nós, mas o que esse criminoso não tem é o prestigio romanesco, o interesse violento, que só as grandes allucinações das paixões extraordinarias, ou a implacavel vingança d'um idéal de dignidade e de brio, muito alevantado embora muito cruel, tem o segredo de dispertar.

É por isso, uns chorando a triste sorte d'essa mulher morta por uma culpa, que o proprio que a matava a ensinára a commetter, outros lamentando a tragica situação d'esse desgraçado pae, que por amor das caricias de seus filhos, se arrisca n'um momento de allucinação a perdel-as para sempre, não pensaram mais no crime da Estrella.

E encerrada a victima n'uma cova, encerrado o assassino n'um carcere, a attenção publica desviou-se d'esse caso policial que não tinha mais promenores que a interessassem, mais circumstancias que a commovessem.

Outro assumpto que tambem anda preoccupando o publico são as festas do casamento de sua alteza o principe D. Carlos

Parece que definitivamente o casamento se realisará no dia 22 de maio proximo, e á proporção que essa data se vae chegando os festejos vão enchendo todas as attenções, vão sendo mais falados.

Tencionamos dedicar uma das nossas primeiras chronicas a esses festejos e por isso, deixando-os para então, voltaremos agora a falar da Patti, que é o assumpto dominante ainda e que além d'isso em breve nos vae deixar, se por acaso quando este numero do Occidente se publicar, ella estiver ainda em Lisboa.

No *Barbeiro* e na *Lucia*, Adelina Patti mostrou os seus prodigiosos recursos de vocalisação e de agilidade. *Virtuose* extraordinaria, cantora excepcional, vimol-a alli, admiramol-a, e ficamos comprehendendo bem porque ella é unica no mundo.

Na *Traviata* havia mais que ver, além da vocalisação e dos brilhantes tão falados, e que são realmente um deslumbramento de scintillações radiantes. Na *Traviata* vimos a cantora e a comediante.

Os mesmos boatos perfidos que antes da Patti chegar a Lisboa, diziam que ella estava em plena decadencia, diziam que ella não valia nada como actriz. Falavam tanto verdade n'uma cousa como na outra; quer dizer, mentiam em ambas redondamente.

Na *Traviata* a Patti mostrou se uma comediante eximia, representou tão bem como cantou e dizendo-se isto da Patti, equivale a dizer que representou maravilhosamente.

Desde o primeiro acto até ao ultimo a celebre artista caracterisou perfeitamente o personagem de Violeta em todas as suas *nuances*, e a morte, artisticamente estudada e executada, completou brilhantemente o seu explendido trabalho.

E visto falarmos da *Traviata*, aproveitamos a occasião para dizer de passagem umas cousas a respeito da execução que o sr. Cotogni deu ao personagem de pae de Alfredo, execução que na primeira noite foi muito applaudida.

E effectivamente abstrahindo completamente da lettra do *libretto*, e da situação do personagem o duetto do 2.º acto da *Traviata* cantado por Cotogni agradava extraordinariamente ao ouvido. Bello canto era com certeza, mas parece-nos que não foi egualmente bom canto.

O illustre barytono encheu de *nuances* dulcissimas a sua parte do duetto, alternava a *plena voce* com o *pianissimo* successivamente, que era um encanto para o ouvido, mas afigura-se-nos, que esses effeitos de voz, essas *nuances* de expressão não tem razão de ser desde o momento que não exprimam alguma cousa.

A energia no canto, deve corresponder á energia do sentimento que elle reproduz; a suavidade da nota á da idéa que essa nota representa, e n'esse duetto da *Traviata* que tão applaudido foi, e que como simples canto tanto agradou ao ouvido, Cotogni pôz de parte completamente a intenção dramatica da nota, para simplesmente attender aos effeitos de pura *virtuosidade*.

E isto causou-nos tanta peor impressão na *Traviata* quanto n'essa mesma opera e n'esse mesmo duetto a Patti se conservou sempre com uma grande comprehensão artistica de comediante de primeira ordem, dentro da individualidade do seu personagem, não se esquecendo um momento que cantava e representava, de que as notas que lhe saiam dos labios traduziam os sentimentos que Margarida Gautier tinha na alma.

Mas onde a Patti se mostrou notabilissima como comediante foi na *Carmen*.

O seu successo foi enorme apesar da parte lyrica da protogonista da opera de Bizet não ser muito de molde a fazer valer todos os dotes previlegiados e maravilhosos da grande cantora. Cantou explendidamente tudo o que tinha a cantar, mas não encontrou essas difficuldades de vocalisação extraordinarias que tem feito a sua reputação unica. Entretanto mesmo como cantora a *Carmen* offereceu ensejo á Patti de realisar uma difficuldade enorme — conservar-se em toda a opera na *tessitura* de meio soprano sem por um momento sair d'ella.

Mas no que a Patti foi assombrosa, foi na parte dramatica do seu papel.

E é difficilimo esse papel, não só de executar mas até mesmo de comprehender, e tanto que ouvimos notar varios defeitos á execução da Patti, defeitos que não eram d'ella mas sim da má comprehensão que tinham do typo de Carmen, as pessoas que lh'os notavam.

Eu não conheço em theatro caracter mais complexo do que o da *Carmen* de Merimée, mais irregular mais cheio de cambiantes e de contradicções.

Quanto mais bem estudado fôr esse personagem, mais em evidencia apparecem essas contradicções que são o fundo do seu caracter.

Carmen tão depressa é a cigana mais grosseira e canalha que ha na escoria da bohemia, como a mais seductora *charmeuse* que a fascinação tem sonhado; d'ahi todo o seu encanto extranho, original, selvagem, d'ahi no desempenho scenico uma linha desegual, que póde parecer um defeito á primeira vista, mas que é o triumpho mais brilhante de quem conseguir dar-lhe todos esses cambiantes diversissimos, muitas vezes oppostos.

Patti deu-lh'os com uma grande nitidez de comprehensão, com a profunda consciencia de um estudo minucioso e intelligentissimo.

Foi uma actriz *hors-ligne* em toda a *Carmen*, e bastava lhe representar assim esse drama extranho, mesmo que o não cantasse para ter na arte moderna um logar proeminente.

A chronica vae longa para fazermos analyse minuciosa das bellezas enormes do desempenho, que avultam no trabalho dramatico e musical da celebre artista na formosa opera de Bizet e até nos falta o espaço para dar noticia da opera *d'obligo* da epoca lyrica, a *Herodiade* de Massenet que na noite de 15 do corrente se cantou em S. Carlos pela primeira vez.

A noticia, porém, d'essa opera do auctor do *Rei de Lahore*, que Lisboa ainda não ouvira, encontral-a-hão os nossos leitores, n'este numero do Occidente, acompanhando o retrato do já illustre maestro francez, que hoje publicamos.

Gervasio Lobato.

J. MASSENET

Não foi agora a primeira vez que o nome de Massenet appareceu nos cartazes de S. Carlos: o *Rei de Lahore*, já antes da *Herodiade*, fizera conhecido e acclamado pelo publico esse nome, que de ha muito era respeitado e querido por todos aquelles que se interessam por coisas musicaes, como o de um dos mais illustres compositores da França de hoje.

E entretanto, apesar da celebridade que desde o seu drama sacro *Maria Magdalena* (1873) aureola o seu nome, Massenet é ainda um homem novo, tem deante de si um futuro vasto e brilhante.

Massenet tem 44 annos. Nasceu em Montaud no anno de 1842. Entrou, muito novo ainda, para o conservatorio de Paris, e aos 17 annos ganhava o 1.º premio de piano. Depois estudou harmonia sob a direcção do maestro Reyer, e composição com o illustre compositor Ambrosio Thomaz.

Em 1863 obteve o 1.º premio de fuga, e o 1.º grande premio de composição com uma cantata intitulada *David Rizzio*.

Então partiu para a Italia, visitou successivamente a Allemanha e a Hungria, onde compoz em 1865 as suas *Scènes de bal*, para piano.

Em 1866 regressou a Paris, e data d'essa epocha a sua primeira phantasia symphonica, *Pompeia*, executada no Casino, e ao mesmo tempo o seu primeiro grande *successo*, pois todos os entendedores reconheceram logo no novo compositor uma possante originalidade de ideas, e uma vigorosa vocação musical.

De então para cá Massenet tem trabalhado sem descançar, e de *successo* em *successo* chegou ás eminencias gloriosas do mundo lyrico contemporaneo.

O seu debute em theatro foi em 1867, na Opera Comica, com um acto que agradou muito, *La grand'tante*. Depois produziu successivamente, e com curtos intervallos, *Paix et liberté*, *Revue d'avril*, *Poème du souvenir*, *Chants intimes*, *L'improvisateur*, *Le roman d'Arlequin*, etc.

Em 1872 appareceu novamente no theatro com a sua segunda opera, *Don Cesar de Bazan*, de que alguns trechos fizeram sensação.

Em 1873, como já dissemos, o drama sacro em tres partes *Maria Magdalena* obteve grande *successo*, e pôz Massenet em evidencia.

N'esse mesmo anno o seu drama antigo *Les Erynnies* accentuou mais a sua reputação. Em 1875 a sua oratoria *Eva* alcançou um verdadeiro triumpho, e finalmente em 1877 o *Rei de Lahore*, em 1881 a *Herodiade*, e em 1885 o *Cid*, tres grandes operas que obtiveram tres ruidosos *successos*, collocaram Massenet entre os primeiros compositores contemporaneos.

O *Rei de Lahore* foi dado pela primeira vez em Lisboa ha dois annos, e agradou immenso, ficando no reportorio do nosso theatro lyrico ao lado das obras consagradas: agora o publico de S. Carlos acaba de ouvir a *Herodiade*, e de lhe fazer uma calorosa ovação.

* * *

A *Herodiade* é uma grande opera em 7 quadros, tendo por assumpto o amor de Salomé por S. João Baptista, o precursor.

Os personagens principaes da opera são: Herodes, rei da Galilea (barytono), sua mulher Herodiada ou Herodias (contralto), Salomé (soprano), João, o percursor (tenor), e Phanuel, o astrologo (baixo).

Filiada completamente na moderna escola musical, a *Herodiade* não é opera que se possa apreciar devidamente n'uma só audição. A sua orchestração é muito *savante*, muito complicada, para se deixar comprehender *au premier abord*, os motivos melodicos envolvem-se n'um arrojado labyrintho de instrumentação, em intrincadas combinações harmonicas, que parecem extremamente confusas a quem pela primeira vez as ouve.

D'ahi, uma certa fadiga do publico durante os primeiros actos, de difficilima comprehensão, uma certa frieza para com a opera que o cançava sem o interessar.

Dos cinco primeiros quadros da *Herodiade* apenas se destacaram na 1.ª audição a phrase melodica da aria de Salomé no 1.º acto, o duetto de amor de Salomé e João, a aria de Herodes no 2.º quadro, o duetto de Herodiade e do astrologo no 4.º quadro, o preludio, a marcha santa, e o bailado sacro do quinto.

O sexto e setimo quadros porem decidiram do *successo* da opera. N'esses dois quadros a inspiração do maestro desprende-se completamente das peias do processo, e vibra francamente na alma do publico. O duetto de Salomé e do percursor é uma das mais formosas paginas da musica moderna, teve uma larga e sincera ovação, e foi bisado: o coro de guerreiros, no principio do ultimo quadro, foi tambem bisado; é de uma originalidade poderosa, e de um effeito enorme; os bailados das escravas tiveram um triumpho collossal, e justificadissimo, porque não são apenas um dos melhores trechos da *Herodiade*, são uma verdadeira obra prima musical, quasi que já uma pagina classica que tem corrido todo o mundo.

O *successo* d'esse acto foi tão grande, que transformou a frieza com que o publico ouvira até então a opera, n'um enthusiasmo ardente, n'uma ovação calorosa e unanime.

A *Herodiade* foi finalmente consagrada tambem pelo publico de Lisboa, e fez a sua entrada triumphal no reportorio do nosso theatro lyrico.

O desempenho da opera de Massenet foi explendido por parte da sr.ª Fides Devriés, que creára o papel de Salomé nos Italianos de Paris, com grande exito.

É magnifica em toda a opera a maravilhosa cantora, e cabem-lhe, sem a mais ligeira contestação, as honras da execução da *Herodiade*. Seu irmão, Mauricio Devriés, no papel de Herodes, houve-se com muita distincção, sendo por vezes applaudido. Novelli teve momentos muito felizes na parte

de Herodiade. Guille, o percursor luctando com as difficuldades enormes do seu papel, não desmanchou o *ensemble*, e Lorrain, o astrologo chaldeu, foi o artista eximio que Lisboa tem applaudido em todos os seus papeis.

A opera estava magistralmente ensaiada pelo illustre maestro Mancinelli, que teve repetidas chamadas e enthusiastica ovação.

A *mise-en-scène* da *Herodiade* é excellente, o guarda-roupa bom, e o scenario magnifico, sobresahindo, entre todas as vistas, a do ultimo quadro, a sala do palacio de Herodes, que é de maravilhoso effeito, e valeu uma ovação ao illustre scenographo Manini. O effeito do amanhecer no 1.º acto é tambem excellentemente executado, e agradou muito.

G. L.

AS NOSSAS GRAVURAS

UM CALVARIO EM AROUCA

O Occidente já tem publicado varios artigos a respeito de Arouca, devidos ao nosso distincto collaborador, o sr. Abel Acacio, e n'esses artigos deu o mesmo senhor valiosas noticias sobre esta pobre povoação, que decerto só tem de mais notavel, além do bello pittoresco dos seus valles, o mosteiro que lhe deu toda a importancia, nos seus tempos aureos, mas de que hoje nada mais resta que o mesmo mosteiro vazio de monjas e de todo o esplendor que em outras épocas animou a pobre povoação.

Resta mais ainda o notavel calvario que reproduzimos na gravura, e que bem mostra a opulencia de tempos que passaram, e que Arouca só póde recordar nas carcomidas pedras dos seus monumentos piedosos.

O calvario de Arouca é, sem duvida, dos mais notaveis que se levantaram pelo paiz, para celebrar ao vivo, permitta-se-nos a phrase, a grande tragedia do Golgotha, em que se consummou o maior dos sacrificos, na pessoa do filho de Deus.

As cruzes meio derruidas, o pulpito desmantelado, as velhas oliveiras que circumdam o calvario, tudo attesta os seculos que teem passado por sobre o monumento e com elles as crenças que teem esmorecido.

Não sabemos se ainda hoje alli se celebram praticas religiosas, mas se se celebram, estamos certos que não serão mais que um longiquo reflexo das que se celebraram no tempo em que o mosteiro de Arouca ostentava toda a grandeza que lhe soubera dar a princeza D. Mafalda.

UMA VISTA DO MONDEGO

A formosa paizagem do Mondego que hoje publicamos não carece de encomios. Basta contemplar a gravura, para fazermos uma perfeita idéa das bellezas do Mondego, o rio mais pittoresco que serpenteia por terras de Portugal.

As lavadeiras lavando a roupa na veia do rio que leva pouca agua, espalhando-se por aqui e por acolá, matisam com os seus lenços e saias de côres a verdura dos salgueiros e dos choupos que orlam o rio, e vem pôr entre a verdura dos arbustos e a alvura da areia, notas de tons alegres e vivos que completam a opulencia do colorido.

A roupa branca estendida por sobre os massiços, produz o effeito de mangnoliaceas gigantes abrindo os seus calices ao dourado sol que illumina prodigamente os campos, suavisando o ardor dos seus raios a fresca agua que deslisa rio abaixo refrigerando as sedentas areias das margens.

Os transeuntes preferem ir pelo rio porque assim melhor se esquivam ao calor, e as mulheres arregaçando-se até ás nadegas, de uma maneira especial, caminham serenamente levando á cabeça ora o cantaro, ora os canastreis ou trouxas, com um equilibrio que faz inveja a qualquer malabar.

Encontra se tambem pelo rio n'um ou em outro ponto pescadores á linha, como o que se vê na nossa gravura, o que mais embeleza o quadro dando-lhe uma nota mais animada.

Ao fundo a ponte do caminho de ferro corta o quadro n'uma linha recta, por sobre a qual se vê de vez em quando fumegar a locomotiva com o seu esmagador positivismo, que nos vem distrair do suave enlevo de que nos fala o poeta inspirado nas deliciosas margens do Mondego.

UM CAÇADOR AFRICANO

O bello typo de caçador africano, que reproduzimos em a nossa gravura da pagina 96, é cópia de uma photographia da excellente collecção do sr. Moraes, superiormente interpretada pelo sr. Manuel de Macedo, no primoroso desenho que publicamos.

Deve ser um preto mina, o caçador que se nos apresenta, muito soffrivelmente vestido, com uma grande profusão de pelles das victimas da sua espingarda, e essas pelles devem-n'o orgulhar mais como tropheus das suas lutas perigosas contra as feras, ou devaneios venatorios com as medrosas lontras, do que como prova de sensatez, em se cobrir de pelles sob o sol ardente da zona africana.

O proprio barrete de pelles está a pedir os gelos da Siberia, e prova evidentemente que o preto em questões de trajo, é de uma phantasia que excede tudo quanto se possa imaginar de disparatado e extravagante.

Mas não nos deve surprehender isto, porque esta mesma tendencia se nota em outros povos civilisados, e que aliaz usam vestuarios e estufos, em completa rebellião com o clima do seu paiz.

Do caçador propriamente dito, que vos direi? É um caçador como outro qualquer. Caça os animaes que a sua espingarda alcança como póde, porque a certeza do tiro não é a sua especialidade, no que não deixarão de influir os feitiços dos que mal lhe querem, segundo as suas superstições, e por fim da caça que faz, uma lhe serve de alimento e para vender, e d'outra só aproveita as pelles que troca a aguardente, ou a polvora para a sua espingarda.

Escusado será dizer que a ambição não o domina, e por isso só vae á caça, quando a necessidade o obriga, e emquanto duram os proventos das suas caçadas, não ha vêl-o emprehender nova exploração.

O MONTE DAS OLIVEIRAS

I

Recolhimento

O clarão do crepusculo fenece
Desmaiando entre as brumas transparentes,
E as arvores suspiram, como crentes
Absortos no murmurio d'uma prece.

— Hora triste em que a alma desfallece!
Jesus envolto em linhos rescendentes,
Mais puros do que as almas innocentes,
Nas sombras do olival desapparece.

Prostrado como um anjo luminoso
Do Gethsemani no arido rochedo,
E olhando o ceu, submisso e receioso,

Como quem quebra um intimo segredo,
«— Meu pae! disse Jesus, meu Deus piedoso! —»
E o vento suspirava no arvoredo.

II

A prece

«— Meu pae, disse Jesus, — a nupcia sagrada,
O casto beijo teu na face da materia,
As almas innundou de branca luz etherea,
E a carne transformou-se em hostia immaculada.

O grito da pobreza em noite enregelada
Ergueu se a soluçar pela amplidão aerea;
E, na benção do amor, choveu sobre a miseria
As perolas de luz dos veus da madrugada.

O ceu é o pavilhão da Paz e da Concordia
Que solta a mão de Deus;—mas a descrença morde-a
Como a panthera morde o ferro d'uma lança!

Senhor! se vão findar meus transes dolorosos,
Meu corpo transformae em anjos gloriosos,
Tres anjos immortaes—a Fé, o Amor, a Esperança!»

III

Resignação

«Proteja a vossa mão a triste sorte
Dos lyrios solitarios da orphandade,
E aponte á humanidade a luz do norte,
— Barca perdida pela immensidade!

Meu coração é triste até á morte!
Senhor! Senhor! que negra anciedade!
Meu Deus!... se a carne é fragil, a alma é forte;
Cumpra-se contra mim vossa vontade!

Do calix beberei o fel amargo!...—»
E caiu sobre a terra onde choviam
As lagrimas do ceu profundo e largo.

As arvores e o espirito cediam
N'aquella noite ao glacial lethargo...
Christo ergueu-se, os discipulos dormiam.

IV

A traição

«— Meu Deus! porque vacillo? o que é a vida?
Porque ama assim o corpo esta existencia?
E a morte o nossso animo intimida?
Se em nós é immortal a tua essencia? —»

E os ceus estavam mudos, sem clemencia
Como tabuas de lei desconhecida!
De subito o recinto em turculencia
A multidão invade enfurecida.

E Judas, o traidor, o mestre beija:
Ensanguentando as sombras do arvoredo
O clarão dos archotes relampeja.

«— Levai-o!» — diz Caifás aos pretorianos;
E um mudo riso alvar d'escarneo e medo
Contrae aquelles rostos deshumanos.

1874. *Coelho de Carvalho.*

PASTEUR E AS SUAS OBRAS

(Continuado do n.º 263)

Esta e outras experiencias levaram Pasteur e Joubert a conhecerem que o meio mais geral por onde se propaga a baceira ou carbunculo é pelos alimentos. Nos terrenos onde se enterraram animaes atacados d'esta epidemia ou onde se haviam deitado dejectos d'elles, encontraram-se bacteridias. Isto explicava a infecção dos prados. Mas uma das glorias de Pasteur foi, sem duvida, a attenuação do microbio carbunculoso, o qual é modificado por evolução e não pelo calor, como fizera Toussaint. São prodigiosas estas vaccinações, as quaes tornam o gado immune e perfeitamente refractario á febre carbunculosa.

Na attenuação do microbio carbunculoso empregára Pasteur o mesmo meio que tão bons resultados lhe dera no do *cholera das gallinhas*. A exposição prolongada dos microbios em liquidos culturaes, ao ar puro, modificara-os, tirando-lhes a pestilencia de que eram dotados e tornando-os um *virus* vaccinico bemfasejo. Todavia uma difficuldade se apresentou ao sabio microbiotechnista. O microbio do carbunculo, quando se cultiva artificialmente, transforma-se em 24 ou 48 horas em cellulas ovulares com o protoplasma perfeitamente resguardado por envolucros resistentes que o protegem da acção modificadora do oxygeneo do ar. Pasteur obstou por meio de certas temperaturas ás producções de esporos, e teve tempo em quanto ellas se mantiveram, de modificar pela acção do ar o mycelium, que é a fórma mais fraca do microphyto, para assim attenuar depois a fórma mais resistente, que é o esporo.

IV

O cholera das aves ataca de preferencia as aves domesticas verdadeiramente terrestres, como as gallinhas e por isso é mais conhecida pelo nome de *cholera das gallinhas*. A irrupção d'esta epizootia é rapida. Se ataca uma capoeira ou aviario, nenhuma ave escapa. O ataque é quasi sempre fulminante e irradia-se de tal modo que, uma vez declarado, ceifa diariamente milhares de volateis. O microbio causador d'esta doença foi descoberto por Perroncito, professor de Turim, em 1877, mas foi Toussaint, de Tolosa, que attribuiu ao terrivel *micrococcus* a epizootia. Observa se no sangue, sob a fórma de granulações isoladas, ou formando rosarios de 8 ou 15 cellulas, sendo o seu diametro de 4 a 10 decimas millessimas de millimetro. O cão, o coelho ou o cavallo podem ser victimas pela inoculação. Animaes sãos, alojados em casas ou capoeiras, onde tenham morrido alguns animaes cholericos, embora tivessem decorrido tres semanas, — foram atacados e mortos, talvez pelos germens contidos nos excrementos pulverisados, os quaes assim passariam com os alimentos para o organismo. Esses germens malfazejos conservam por muito tempo a força germinativa.

Toussaint, a quem incontestavelmente muito deve a microbiotechnia, e que conseguira attenuar

pelo calor o microbio carbunculoso, enviára a Pasteur uma amostra do microbio, e este cultiva-ra-o, expondo-o á acção prolongada do ar puro, com o que conseguiu attenual-o consideravelmente, o que inferia do resultado das inoculações, que que com essas culturas fizera em varios animaes. A medida que as gerações do microbio se succediam, sob a influencia do oxygeneo do ar, adquiriam a faculdade de darem aos animaes em que eram inoculadas a immunidade contra o cholera das aves.

N'estas experiencias colheu Pasteur a certeza de que os germens dos microbios cultivados e attenuados, não se lhes mudando as condições do meio, conservam a qualidade attenuativa e preservativa dos seus antecedentes. O meio mais efficaz contra esta zoonose, segundo Pasteur, é fazer tres inoculações com virus de diversas graduações. Este é mais um triumpho do grande sabio sobre as antigas theorias.

V

Em 1870 publicou Pasteur uma obra de alta importancia: — *Études sur les maladies des vers à*

Um calvario em Arouca (Segundo uma photographia do sr. E. Biel)

soie. Tratou-se da pebrina, que ataca os bichos de seda.

Esta doença manifesta-se pela presença de pontos negros sobre todos os tecidos das borboletas e das larvas ou bichos de seda. Alguns naturalistas tinham julgado serem esses pontos ou corpusculos os germens que desenvolviam os mycelios da *muscardina,* doença que tambem ataca esses bichos, e que é produzida pelo *botrytis bassiana.* Leydig tinha observado esses corpusculos não sómente nos bichos de seda, mas em cochenilhas e n'alguns arachnideos. Cornalia verificou a existencia d'esses corpusculos no sangue das borboletas doentes. Mais tarde o doutor italiano Osino via esses corpusculos nas proprias sementes dos bichos de seda.

Pasteur depois de haver fixado o quadro symptomatico da doença, conforme as phases do cyclo da existencia do bicho de seda, demonstrou que os corpusculos observados eram organismos independentes, mas parasitarios e causados por effeito da pebrina. Indagando de onde proviessem esses germens, achou que provinham do ar e das poeiras dos estabelecimentos de creação, em consequencia da pulverisação dos excretos dos bichos. Comtudo tendo dado folhas de amoreiras salpicadas d'esses corpusculos, os bichos, que as comeram, foram logo atacados e morreram, mas nos corpos não lhes foram encontrados os corpusculos denunciantes da *pebrina,* e isto levou Pasteur á descoberta de uma outra epizootia, que é a *flacherie.*

Finalmente, realisando grande numero de experiencias, conseguiu provar que a causa da infecção se transmitte por hereditariedade, alem das inoculações que os bichos fazem entre si, ferindo-se com os ganchos terminaes das patas trazeiras. Pasteur chegou a obter sementes das quaes prophetisava as phases, porque os bichos haviam de passar. O perfeito conhecimento da doença levou-o a aconselhar aos sericultores methodos para obterem boa semente, que constituem a prophy-

laxia contra a pebrina. Consistem, não no exame das sementes, mas no exame das chrysalidas e das borboletas que hãode ser reservadas para a reproducção. D'esta maneira Pasteur salvou de perda inevitavel uma industria importantissima, que sustenta milhares de familias na Italia e na França — a industria sericicola.

VI

Em 1866 as doenças dos vinhos e as causas que as provocam mereceram a Pasteur a maior attenção. Por esse tempo publicou o illustre sabio um volume in-8.º, relatando as suas experiencias, os seus estudos e os seus resultados — *Études sur le vin, ses maladies, les causes qui les provoquent.*

A causa da fermentação acetica dos vinhos foi reconhecida na existencia de uma planta microscopica, que é o *midoderma aceti.* Elevando-se a temperatura do vinho a 50° centigrados, não sómente se não perdem as suas qualidades, antes se afinam e sobrelevam e o microbio é destruido. D'este modo os vinhos, ainda os mais fracos, podem ser recebidos na America sem alteração, sem accusarem o menor sabor acido e sem que seja necessario para isso juntar-lhes a enorme quantidade de aguardente, com que os nossos vinicultores ainda actualmente estragam os optimos vinhos portuguezes. Este progresso deve-se a Pasteur. Dos nossos vinhos tem-se occupado o sr. Visconde de Villa Maior, os srs. Ferreira Lapa e Aguiar. Seria bom para a vinicultura do paiz que fossem attendidos os seus reparos.

No fabrico das cervejas tambem Pasteur assignalou o seu genio immortal. As cervejas, por indicação do grande sabio, foram fabricadas n'uma baixa temperatura, isto é inferior a 10°. Este processo chamado de baixa fermentação, evita que afflore o fermento e portanto que seja invadido pelas bacterias da putrefacção e pelos vibriões da fermentação acetica, lactica e butyrica. Mantem-se o mosto n'essa temperatura pelo emprego do gelo, e assim se matam os parasitas. Pasteur aconselhou tambem o emprego do lupulo, por ser anti-septico e portanto conservador da pureza da cerveja. O gelo consummido n'este fabrico attinge quantidades enormes

UMA VISTA DO MONDEGO (Segundo uma photographia do sr. E. Biel)

O vinagre tambem mereceu de egual modo as attenções do celebre microbiotechnista, que dois annos depois de haver estudado o vinho publicou a sua obra: — *Études sur le vinaigre, ses maladies, moyen de les prévenir* — 1868, in-8.º

VII

Todas as descobertas, que temos apontado, sao de alto valor scientifico e de utilidade pratica, mas Pasteur com a attenuação do virus rabico, como prophylaxia contra a raiva, alcançou gloria immorredoira e collocou o seu paiz, graças ao seu esplendente genio — na vanguarda da sciencia. É á França, que por meio de Pasteur, cabe a gloria de ter resolvido o grande problema: a prevenção contra a hydrophobia. Na historia, a humanidade agradecida, ha de levantar-lhe um monumento de gratidão, a essa França a quem deve a liberdade, a essa moderna Grecia de onde lhe vieram os mais sublimes influxos da arte, com as idéas de emancipação, de justiça e de liberdade, prophylaxia segura contra a tyrannia.

Conforme o systema seguido no estudo de outras doenças virulentas, tratou Pasteur de inteirar-se de todas as phases, que a raiva apresenta, e dos meios como se propaga. Fez então evolucionar o virus, inoculando-o em varios animaes e experimentando lhe depois a influencia por meio de novas inoculações.

Decorrido algum tempo chegou a resultados tão satisfatorios, que conservava no seu laboratorio alguns cães completamente refractarios á raiva, fosse de que modo fosse transmittida. Foi só, porém, quando ao sabio não restava a menor duvida sobre a efficacia do seu methodo, que em plena Academia das Sciencias de Paris, communicou o seu relatorio, no meio de applausos unanimes, sinceros e calorosos, dos homens de sciencia que o escutaram.

Pasteur conseguiu uma escala de attenuaçoes do virus, e para maior certeza do seu processo, inocula em coelhos o mesmo virus que communica á pessoa, ou ao animal mordido. É por esse modo que verifica a influencia da vaccina. De 350 pessoas tratadas logo *ab initio*, apenas teve um obito, — devido aos ferimentos e ao progresso que o virus fizera, antes da inoculação preventiva.

Mas apezar dos brilhantes resultados, não teem cessado os zoilos e os pedantes de buscarem empanar a gloria do prestante cidadão. Imagine-se que um adjunto ao maire de Lyon, requereu para que Pasteur fosse processado, por praticar illegalmente a medicina! Um opulento lavrador do sul da França, queixava-se amargamente do grande microbiotechnista, porque de 500 carneiros vaccinados contra o carbunculo, um d'elles tinha morrido! É terrivel esta praga de tacanhos, pulgões damninhos do merito que não comprehendem, ou que os incommoda, como o sol ás aves nocturnas!

Anna Kingsford, medica pela Faculdade de Paris, escreveu no *Pall Mall Gazette*, uma carta interessante ácêrca do tratamento da hydrophobia. «Resulta das proprias declarações de Pasteur, diz a doutora, que elle não pretende por modo algum curar a raiva, quando a doença já se haja declarada: que o seu methodo se limita a prevenir a explosão pelas inoculações do virus atte-

nuado, no caso, que a mordedura suspeita não tenha mais de 35 dias. Tenhamos isto por demonstrado; nem por isso deixa de existir o facto de que o novo methodo é impotente no caso de infecção rabica daclarada.» (1) Para este caso indica o tratamento do dr. Buisson, que é *preventivo* e *curativo*, tal como elle o formulou no seu tratado especial: *Meio de prevenir e de curar a raiva*, em 1855 e que se reduz a provocar no enfermo suores abundantes para repellir o virus rabico.

O dr. Buisson tinha notado que a raiva é doença especial aos carnivoros da especie canina e felina e que esses animaes não transpiram como o homem e diversas classes de entes vivos, cuja organisação se approxima da especie humana. Sabia que o veneno das aranhas, escorpiões, e ainda o das serpentes, é eliminado por via da sudação, e que esse tratamento é geralmente em uso nos paizes quentes. Não ignorava que a vaccina não produz effeito, se o individuo depois de inoculado, é immediatamente submettido á acção de um banho de vapor, e finalmente que o contagio das febres paludosas e outras doenças zymoticas cedem frequentes vezes áquelle tratamento. O acaso, ou por melhor dizer, a ardente curiosidade que o obrigava a procurar os casos de hydrophobia, lhe forneceu os meios de experimentar a sua hypothese em si mesmo. Alguma espuma dos labios de um doente, que elle tratava, e que então tinha chegado á fórma mais terrivel da hydrophobia, humedecera um golpe que elle fizera na manhã d'esse mesmo dia. Conheceu o perigo e apressou-se a applicar o nitrato de prata, como cauterio. Não obstante, o mal propagou-se: em todo o ante-braço soffria dôres cruelissimas, que se tornaram intoleraveis. Nos olhos sentia dôres tão violentas, que lhe pareciam que iam saltar fóra das orbitas: a luz e as superficies brilhantes, causavam-lhe um extraordinario soffrimento. No coiro cabelludo, sentia dolorosa sensibilidade, a ponto de lhe parecer cada cabello dotado de uma horrivel faculdade de horripilação e de erecção. A mais pequena corrente de ar sobre a pelle era causa de vivissimos soffrimentos. Parecia-lhe ter perdido o peso e poder erguer-se á vontade acima do solo. As glandulas da boca e da pharynge tumeficavam-se, estrangulando-o e suffacando-o.

(Continua) *João de Mendonça.*

(1) Vidè o *Temps* n.º 9106, onde vem um grande artigo, que abreviámos.

EXPOSIÇÃO INTERNACIOMAL DE PHOTOGRAPHIA NO PORTO

(Continuado do n.º 253)

PHOTOGRAPHOS ESTRANGEIROS

O sr. O. Wilde, de Halbersdt, expõe dez retratos em diversos formatos, provas a carvão pintadas a oleo e retocadas.

Estes trabalhos, pela sua bonita apparencia, são d'aquelles que attrahem a vista da grande parte do publico, que, por falta de conhecimentos, se preoccupa pouco com minudencias de arte, mas que não podem satisfazer a quem tenha uma instrucção artistica mais ou menos desenvolvida. Agradavel aspecto ao primeiro relance, mas com imperfeições de cor e incorrecções de desenho em grande parte devidas ao demasiado retoque com que ordinariamente em photographia se destroem os caracteres physionomicos do individuo.

Todos os retratos do sr. Wilde teem um aspecto de esmalte, o que faz persuadir a muita gente que aquillo seja photographia colorida em louça, como até já o vimos escripto. Imagine-se por isto que nitidez e que brilho de cor ha n'elles.

Da collecção, o que mais nos agradou foi: Um busto de senhora, formato placa, com um enfeite de pelucia azul na cabeça; uma senhora, de vestido verde, apoiando um dos joelhos em uma balaustrada, e approximando um calix de vinho dos labios de um busto de marmore, phantasia graciosa e interessante; e ainda um outro assumpto identico, mas em que a figura está de pé, tendo um vestido azul pallido. Este ultimo, se bem que inferior aos outros retratos, não deixa comtudo de se insinuar. Os restantes resentem-se do defeito geral da pouca verdade dos tons, principalmente das carnes e do demasiado retoque. Apesar d'isso, estas provas não deixam de ter certo merecimento como photographia pintada e oleo.

O sr. Zelesny Károly, de Pecsett, é um photographo distincto. Dá provas d'isso nos trabalhos de duble-placa, cartão-album e visita, que expõe em um caixilho. Notaremos apenas que os fundos de alguns retratos são muito historiados, fundos com que não sympathisamos demasiado, por não darem por vezes sufficiente destaque á figura. Em photographia só admittimos, como de bom gosto, os fundos naturaes, quando se trata de paizagens, ou mesmo de interiores, e quando se possue bom gosto para a disposição das figuras.

Da collecção do sr. Károly, como testemunho do seu bom gosto e das suas excellentes aptidões artisticas, mencionaremos um formoso retrato em placa, de uma senhora em costume de baile, com uma guarnição de flôres artificiaes escuras no corpete do vestido e um outro retrato, tambem muito perfeito, de um individuo de grandes barbas, igualmente em formato placa.

O sr. Hans Schullerbauer, de Brixen, apresenta uma porção de photographias em *passe-partouts* de vidro, todas muito regulares, havendo mesmo entre ellas algumas agradaveis.

O sr. Kossak Joseph, de Temesvár (Hungria), exhibe tres ampliações photographicas em panno, sendo duas a claro-escuro e uma colorida, bem como duas provas em cartão.

As provas a claro escuro não primam pelo aspecto nem pela côr negra, de uma dureza afflictiva. A colorida, um retrato em meio corpo, de phantasia, representando uma joven com azas e mostrando uma carta, é tambem, como pintura, de um merecimento inferior, pela falsidade do tom das carnes e pela monotonia geral do quadro, de uma brancura desoladora. Quanto ás provas em cartão, duas cabeças de creança, é tal a minuciosidade do retoque, que parecem desenhos á penna, mas desenhos de collegial.

Rud Schuster, de Berlim. Eis um artista de primeira ordem. Expõe uma preciosa collecção de photo-gravuras, cópias de pinturas, algumas d'ellas de grandes dimensões e todas de uma execução irreprehensivel.

As copias são: de dois quadros de genero, de F. Vinea, de Florença; um formoso grupo de bois, de Haas; uma notabilissima paizagem de J. Wenglein; um quadro de genero, de Andreotti; uma suave paizagem de neve, impressa a tinta levemente azulada; uns leões, de Friese; uma cabeça (Ecce Homo), de Guido; outra cabeça (Mater Dolorosa), de Carlo Dolce; um quadro de genero, de Czachórski; uma grande caçada, de Conrad Freyberg, na qual entre outros personagens, figuram o imperador Guilherme, os principes Frederico Carlos, Alberto da Prussia, Frederico Guilherme, Bismark, etc; uma copia do natural de uma galeria de muzeu militar; outra copia, tambem do natural, de uma cabeça decorativa; uma armadura, egualmente copia do natural; e até um bello retrato, copiado do natural.

Todas estas photogravuras são de um primor inexcedivel, mas a mais surprehendente é sem duvida a copia da paizagem de Wenglein, um riacho orlado de canaviaes, atravessando um paiz de uma vegetação opulenta e rude. A fidelidade da reproducção é tal, que nos pedaços revoltos da atmosphera, se chega a perceber claramente o empaste das tintas e a pincelada.

Este explendido quadro mede cerca de quarenta centimetros de comprimento, o que representa uma chapa photographica importante e o da caçada, de Freyberg, o maior de todos, attinge uns oitenta centimetros.

A collecção de photogravuras do sr, Schuster, a mais notavel, no seu genero, da exposição, é digna da attenção e do apreço de artistas e amadores.

O sr. Albert Lugardon, de Genebra, apresenta quatro caixilhos com photographias instantaneas. Não são de certo, na sua especialidade, as melhores que apparecem, mas não deixam comtudo de se tornar dignas de menção. Em muitas d'ellas nota-se por vezes pouca nitidez e os fundos bastante confusos. Representam diversos animaes em movimento, com especialidade cavallos, grupos de creanças a brincar e uma marinha. Esta ultima é muito bonita, sendo tambem apreciavel uma das photographias em que se vê um rapaz na acção de se lançar á agua para nadar, junto de outro já submergido até ao pescoço.

Paulo Sebbing, professor, com estabelecimento de apparelhos photographicos em Paris. Exhibe quatro boas provas instantaneas em gelatina-bromurada de prata, obtidas com um obturador inventado pelo mesmo expositor e com um objectivo aplanetico de Luter. As vistas representam varios locaes de Paris e são muito nitidas no movimento da gente e dos vehiculos que atravessam os pontos photographados.

O referido professor expõe tres machinas photographicas com os obturadores da sua invenção. Uma d'ellas, que dá o formato de placa, é excellente. O seu preço creio ser de 70$000 réis. É, alem d'isso, muito portatil e de uma construcção irreprehensivel.

Porto, abril.

(Continua) *Manuel M. Rodrigues.*

A MARIA DA FONTE.

Recordações litterarias.

Depois da chamada restauração da Carta, em 1842, dizia-se: «andam falseadas as liberdades publicas; a rainha pende mais do que deve para o governo pessoal; as finanças correm ao Deus dará; as eleições são uma mentira; os direitos do cidadão uma historia».

Mau é dizerem-se as coisas todos os dias, e repetirem-se ás noites nos clubs, e nos *templos*, n'aquella algaravia maçonica que eu nunca cheguei a entender, em que chama a Deus *Supremo architecto do universo*, arrastado circumloquio, que mais parece cabeçalho de um diploma de mestre d'obras, do que reverente designação do Ente Supremo.

Mas vamos ao caso. Pelo tempo a que me refiro havia, e felizmente ainda existe, um homem chamado Antonio Bernardo da Costa Cabral, que embirrava em não prestar ouvidos ao que então, como ainda agora se chamava opinião publica, isto é, declamações raivosas nos jornaes; diatribes nos cafés; manifestos ao paiz, assignados por centenas de independentes, comprados a quinhentos réis por cabeça; parabolas dos Graccos; apostrophes dos Ciceros; ameaças dos Brutos e dos Catões

Via-se, apalpava-se de ha muito, que o caudilho do partido conservador andava abandonado da graça divina. Eis senão quando, surge:

A mulher que lá no Minho
Fez da folce dura espada

como dizia a letra do respectivo hymno, que eu cantei em rapaz com o enthusiasmo de um verdadeiro Girondino; e a Carta, que parecia estar de pedra e cal, começou a abrir fendas, e a dar cuidados aos entendidos, que julgaram ser necessario especal-a, para não desabar de vez sobre as cabeças dos soldados do batalhão que com o seu nome se baptisára, que eram, e timbravam em ser, os janisaros do grão-visir, a quem a rainha teimava em não mandar o cordão de seda para se enforcar, em nome das exigencias dos muphetis, quero dizer na minha dos chefes da opposição liberal ao partido cartista, de que era maioral o já citado Antonio Bernardo da Costa Cabral, actual marquez de Thomar.

Quando isto se passava viviam ainda: conde das Antas, o soldado legendario do cerco do Porto; Sá da Bandeira, o cavalheiro sem mêdo e sem macula; os dois grandes tribunos Passos; José Estevão, o Vergniaud do parlamento portuguez; marquez de Loulé, o regulador pacato dos ardentias ultra-revolucionarias; e por detraz d'estes uma multidão de oradores discretos, e de soldados felizes, que asselavam cunho de grandeza aos esforços dos partidos colligados para apear da tripode governamental o antigo e fogoso orador do club dos Camillos, transformado sem preparação em aulico; e de aulico em guardião do codigo venerando, como por costumeira se chamava então á Carta Constitucional da monarchia.

Não é meu intento escrever uma pagina da historia politica contemporanea, nem tão pouco arvorar-me em Plutarcho dos caudilhos da revolução popular de 1846. O meu proposito unico é saudar mais uma vez a Maria da Fonte, a mulher que devemos suppor de faca e calhau, que no mez de maio do anno a que me refiro mondava, ou lagartava, em uma aldeia da provincia do Minho, quando lhe chegou aos ouvidos que o governo lançara um novo imposto offensivo das tradiccionaes regalias do seu sexo, se é que a heroina o tinha, caso que não chegou a illucidar o sr. padre Casimiro, no livro em que narrou as proprias façanhas.

A nova Judith, não encontrando á mão de semear um Holophernes a quem decepar a cabeça, poz-se a dar vivas e morras ao sabor das suas iras patrioticas, e tamanha berraria fez, que uma provincia a principio, e logo depois o paiz inteiro, saudava na lavradeira do Minho a inspiração e o symbolo de uma revolução popular.

Confesso á boamente que não gosto das mulheres-homens, incluindo a padeira de Aljubarrota, e uma fulana de tal, que o auctor do *Theatro Heroino* louva, por ter saido para a rua no dia da acclamação de D. João IV, de navalha de ponta e molla em punho, consolidando a dynastia bragantina com heroismos dignos de uma policia correccional.

A unica mulher heroica que respeito, e perante cuja memoria me curvo reverente, é a pobre Carlota Corday, a ingenua patriota, que julgava entravar uma revolução assassinando um monstro, e

que em vez da guilhotina com que a galardoaram, bem merecia, se em tempos normaes se houvesse dado o caso, que o municipo a gratificasse com a esportula correspondente á gratificação com que nas freguezias ruraes se aquilata a pelle de um lobo.

Não é pois, como se deprehende do que deixo escripto, a mulher *que fez da foice dura espada*, como dizia o hymno do Minho, composto por um anonymo Roger de l'Isle, que eu pretendo celebrar; mas sim a insciente inauguradora de uma escola litteraria; a musa desconhecida de quantos homens e mulheres tem feito prosa e verso, n'estes ultimos tempos, antes do realismo obter foros de cidadão na republica das lettras.

É com effeito da Maria da Fonte que data o movimento litterario; por alguns alcunhado de romantico, iniciado como de rasão pelos homens, realçado, agora ou logo, por um ou outro lampejo de talentos femininos, de que trato mais largamente em um livro especial.

Disse eu, que o movimento litterario moderno, reparem que não disse modernissimo, fôra iniciado pelos homens, — rapazes eram então todos elles, — e vou, não quero disfarçar que com saudades, trazer para aqui uma recordação dos meus 18 annos, uma lembrança dos meus sinceros alvoroços de patriota, hoje tão mortiços, senão de todo apagados!

Em 1846, como em 1809, como em 1820 e em 1828, como, finalmente, em tôdas as epochas em que a liberdade se vê ameaçada, formára-se em Coimbra um batalhão academico, de que fizeram parte quasi todos os poetas e homens de letras que depois honraram a actividade intellectual do paiz, no jornal ou no livro; na tribuna parlamentar, ou nas bancadas das academias.

Foi por este tempo que eu conheci no Porto a João de Lemos, que acabava de regressar de Inglaterra, e de escrever a *Lua de Londres*, poesia repassada de sentimento e de inspiração nacional. João de Lemos era um rapaz extremamente sympathico e cavalheiroso, bemquisto nos salões aristocraticos, onde o chamavam as suas crenças legitimistas, provisoriamente confundidas em heterogeneo amalgama com as dos defensores das idéas mais avançadas em politica, e em administração publica.

Para contraste com o então juvenil representante do caduco direito d'Almacave, liam-se nos jornaes do tempo as tribunicias exaltações de Lopes de Mendonça, o talento mais progressivamente brilhante e sisudo que tenho conhecido; o mais intrepido luctador que a historia litteraria do nosso paiz pode apresentar para exemplo dos que entram na vida com a fé no cumprimento de uma missão providencial.

Mas recolhamos ao batalhão academico de que faziam parte Augusto Lima, o correcto auctor dos *Murmurios;* Rodrigo Cordeiro, que dois annos antes fundára, e publicára em Coimbra *O Trovador*, archivo das producções poeticas dos melhores engenhos da academia; D. Antonio da Costa, já então auctor do apreciavel livro *As minhas saudades*, mais tarde o erudito, elegante e vernaculo prosador que todos applaudem; Custodio José Vieira, o indomito transmontano, que em frase brusca e incisiva condemnava todos os abusos, e todas as prepotencias; Antonio Maria do Couto Monteiro, o grave jurisconsulto, que então primava como poeta, e se comprasia em cantar *a cabula pachorrenta e gorda*, que praticamente desmentia no seu quarto de estudante; José Vicente Barbosa du Bocage, o austero cumpridor de todos os deveres, e que ainda nos bancos das escolas, denunciava a sua competencia para os mais elevados cargos da republica; Ramires Coutinho (visconde d'Ouguella) o crente desvendador de futuros, a quem a politica depois entravou as rodas do seu carro triumphal; e ainda muitos, e muitos outros, que os vaivens da fortuna agasalharam com os arminhos senatoriaes, encasmurraram com a toga de juizes, ou acanharam as estaturas com o peso da coroa feudal de barões; afora os que extemporaneamente foram varridos para a valla commum do cemiterio, ou para a valla ainda mais commum do esquecimento publico!

Mas não são só estes os homens com quem eu me sentei ás mezas dos restaurantes portuenses, em 1846, a devanear futuros, e a phantasiar republicas, excluindo a de Platão por antiga, e de S. Marino por microscopica.

N'aquelles bons tempos, que já não voltam, Ricardo Guimarães, hoje visconde de Benalcanfor, (Deus lh'o perdoe) era a alegria em pessoa. O primoroso estylista que todos apreciam, era então o mais jovial dos conversadores, e o mais epigrammatico dos commensaes. O moderno Alcibiades tinha a sua Athenas na praça da Batalha, o seu auditorio no café Guichard, e nos bastidores do theatro de S. João.

José Maria de Casal Ribeiro, hoje conde de Casal Ribeiro, passeiava o seu patriotismo por outras provincias revoltadas á voz da Maria da Fonte, mas resando pelo mesmo credo de toda a mocidade d'então, pondo por escripto as suas idéas no fogoso pampheleto *O soldado e o povo*, e na sua ameaça tribunicia *Hoje não é hontem*, emquanto a tribuna parlamentar se não honrava com a sua voz, e os conselhos da coroa com a sua opinião auctorisada.

Mas, não era só esta a gente do meu tempo que a asa da Maria da Fonte protegia e acariciava. Ahi vae mais outro. Santos e Silva, conhecido entre a mocidade academica pela designação de padre Casimiro, honra que devêra ás suas ousadias revolucionarias, que não entibiavam, antes fortaleciam o seu robusto talento, e as suas brilhantes qualidades de tribuno consciencioso, affirmadas na tribuna parlamentar de que foi um dos ornamentos.

E Barros e Cunha? Que diremos d'este azougado ajudante d'ordens de Cesar de Vasconcellos, que não logrou, coitado, acalmar os nervos irrequietos com os duches dos orçamentos, e as reviravoltas da politica, que o trouxeram sempre como o menino nas mãos das bruxas? Em 1846 Barros e Cunha era, senão um poeta de grande folego, pelo menos um sonhador que não teve, como tantos outros, a felicidade de acordar repasto dos sonhos da mocidade (1).

(1) Aproveito a occasião para fazer justiça á memoria do homem com quem tive uma desagradavel pendencia, de que hoje me arrependo.

O CRIME DO CORREGEDOR

(Continuado do n.º 263)

XXVII

As torturas

Era evidente que havia no fundo de tudo isto um mysterio, um segredo qualquer enorme, gravissimo, que procurava manter-se a todo o custo, por todo o preço, mesmo em face da tortura, da morte, da propria deshonra!

Nunca em sua vida se encontrára em tão grandes embaraços de consciencia, nunca a sua rasão vacillára tanto ao ter de julgar do grau de criminalidade ou de innocencia de qualquer réo.

Convencido de que não arrancaria ao irmão de Solis a chave d'este terrivel enygma, mandou buscar a sua sege e fez-se conduzir á cadeia do Limoeiro, onde lhe restava tentar ainda um ultimo esforço para saber a verdade do occorrido n'aquella fatal noite de 15 de janeiro, que tão medonha memoria devia deixar nos annaes do crime.

Era a ultima prova.

Começou pelos criados de Solis, os quaes fez conduzir á sala das torturas.

Os desgraçados soltavam queixumes enternecedores, mas não havia persuasão que os movesse a declararem o contrario do que haviam affirmado nos primeiros depoimentos.

Appellou-se então para os meios violentos.

Entraram os ajudantes do carrasco, encarregados dos instrumentos da tortura, que immediatamente foi applicada aos tres servos, com todas as formalidades legaes dos regulamentos.

O sangue espirrou dos membros dos miseros pacientes que a tortura desconjuntava, e todavia, a despeito da prolongação de tamanha agonia, perseveraram todos em jurar que haviam dito a verdade e só a verdade.

Esta maneira de arrancar confissões raras vezes falhava. Qualquer desgraçado submettido a tratos confessava de ordinario tudo que os juizes queriam que elles dissessem para a boa regularisação dos processos sanguinarios de que se serviam em nome da terrivel vindicta social.

D'esta vez, porém, o ministro viu com assombro que nem assim ousaria achar sequer um testemunho para cohonestar o procedimento dos juizes.

O mysterio continuava a manter-se, o enygma prevalecia sob a mesma fórma indecifravel.

Tanta firmeza em tres mercenarios parecia-lhe extraordinario, nem havia memoria de um caso assim.

Fez conduzir á enfermaria os tres pacientes e entrar logo Simões Pires Solis, que eguardava muito de proposito na outra sala as ordens do ministro, afim de que pelas dores de que ia sendo testemunha auricular podesse ajuizar as que lhe estavam reservadas.

A intimidação e o terror eram os grandes elementos de que se serviam os ministros da alçada para processar e achar criminosos.

Solis, porém, era animoso e resoluto de mais para que se acobardasse em qualquer situação da vida.

Apresentou se com a maior firmeza, de rosto levantado e olhar franco.

Nem a attitude dos algozes, que de pé junto dos instrumentos da tortura aguardavam o momento de exercer o seu odioso mister, o fez estremecer.

Tudo indicava que se havia acabado de commetter alli uma d'essas violencias incomprehensiveis perante o moderno direito das gentes, e nos diversos instrumentos de supplicio notavam-se, em diversos pontos, pedaços de carne e manchas de sangue das victimas a que haviam sido applicados.

Solis, indifferente a todos estes horrores, parecia dominal-os com a firmeza da sua presença e com a superioridade do seu espirito.

O ministro esteve um momento a confrontar com a presença do réo as diversas opiniões que a seu respeito havia formado, produzindo-lhe singular extranheza aquella serenidade de pedra, aquella insensibilidade excepcional.

Deviam de ser effectivamente assim os grandes malvados.

Ah! quem sabe, talvez o corregedor tivesse razão.

Estas considerações, suggeridas por uma impressão de momento, animaram-n'o um pouco.

Reassumiu toda o sua gravidade propria e começou o interrogatorio.

Solis ratificou quanto havia dito anteriormente.

Era preciso, portanto, mudar de tactica. Se elle fosse verdadeiramente criminoso devia ter preparado um systema de defeza.

Esse systema podia ser aquella negativa obstinada, mas necessariamente devia de ter uma historia cujos delineamentos convinha pôr a publico.

— Porque nega a verdade que poderia tel-o salvado? Não terá inimigos, que, aproveitando esta occasião de terror e luto para todos os verdadeiros catholicos, procurem perdel-o?

Solis trahiu-se pela primeira vez.

— É o meu unico crime, disse elle.

E uma grossa lagrima, escandecente como a lava de um vulcão, deslisou lentamente pelas suas faces.

— Então porque não nomeia esses inimigos.

— Nunca fui denunciante, senhor!

Dizendo isto ergueu a fronte cheio de uma nobre altivez.

O ministro ficou um pouco desorientado.

— Estou innocente no crime que me imputam, exclamou Solis, é só quanto posso e devo dizer.

— Felizmente temos testemunhas que provam o contrario. Manuel de Pina jura tel-o visto, evidentemente depois de haver commettido o crime, a conferenciar com os seus cumplices no Poço de Entre as Hortas. Manuel de Pina conhece-o bem.

Solis parecia estar em tratos horriveis.

— Ha tambem quem o visse apeiar em Santa Clara, e quando não fossem bastantes estes indicios, ha um bilhete enviado pelo réo a seu irmão, em que lhe recommenda segredo do que sabe.

— Um bilhete! repetiu elle sobresaltado.

E, depois de um momento de suspensão, proseguiu:

— Mau eu não me referia ao crime de que me accusam. Seria um disparate que fosse communicar a meu irmão, cuja austeridade de costumes e virtude recta são bem conhecidas de todos, um plano de desacato e roubo de uma egreja.

— Então a que se referia?

— A um caso inteiramente fóra da alçada dos juizes humanos. Não se trata de uma questão de facto, mas de uma questão de consciencia.

Era a primeira parte da historia tão desejada pelo ministro.

Um caso de consciencia!

Que seria?!

— Oh! a tortura é até capaz de fazer falar os mortos.

O ministro sentiu-se desvairado pelo amor da arte.

Bastou-lhe fazer um gesto e Solis achou-se de subito seguro pelos algozes de braço nu e olhar turvo.

— Conduzam á tortura esse homem. Vamos, sem piedade.

Ia emfim conhecer toda a verdade; ia apparecer o criminoso, manifestar-se a justiça em toda a sua magestade.

(Continúa)

Leite Bastos.

Sem exercicio no batalhão sagrado dos revoltosos, outros houve ainda que da Maria da Fonte receberam o baptismo de sangue, como na milicia se chama aos que entram em fogo pela primeira vez. Um d'elles, o mais nobilitado talvez, foi Camillo Castello Branco, o amigo a quem me dirijo pela primeira vez depois de visconde, sem o felicitar por isso, porque Camillo havia só um em Portugal, e viscondes anda a gente a tropeçar n'elles por essas ruas, e a pedir-lhes perdão de os não distinguir do resto dos mortaes, que comem, bebem e dormem.

Em 1846 já Camillo Castello Branco andava no seu officio. Se estudava menos nos livros, do que estudou depois, olhava já a serio para a sociedade do seu tempo como a materia prima das suas cogitações de romancista e de dramaturgo. Camillo Castello Branco deve á Maria da Fonte a fineza de lhe ter feito passar deante dos olhos durante nove mezes (que lapso de tempo para a responsabilidade paterna!) os typos que elle estudava em segredo, para os reproduzir mais tarde nas paginas brilhantes dos seus portuguezissimos romances.

E o que fazia então Julio Cesar Machado, mais novo tres ou quatro annos do que todos nós? O famoso folhetinista, se ainda não bebia na taberna, já folgava n'ella. Não andava nas correrías patrioticas do Minho e do Alemtejo, mas ficara-se em casa a ruminar na maneira de envelhecer, o que não logrou conseguir, para poder assim ser tomado por um chronista de pouca consciencia, como um dos rapazes da velha guarda. Estavam verdes para elle, coitado! Julio Cesar Machado não tinha ainda chegado á edade das extravagancias revolucionarias.

Guardei para o fim, é na cauda das procissões que vão os patriarchas, a figura austera de Anselmo Braamcamp, o chefe reconhecido e acatado do partido progressista, o primeiro que em Portugal escreveu critica litteraria, e que pertenceu tambem á phalange dos Espartanos de 1846-1847, que preferia o caldo verde do Porto, e as migas do Alemtejo, aos debiques culinarios da politica da capital.

Conheci Anselmo Braamcamp em rapaz, antes das grandes responsabilidades que depois tomou, e sem irreverencia ouso affirmar aos que só á ultima hora o trataram, que o politico meditativo dava, emquanto foi simples homem de lettras, umas ceias intimas em sua casa, em que o Espartano dos manifestos revolucionarios facilmente se transformava em Atheniense, e tudo corria sem novidade... até ao romper da aurora.

E a Maria da Fonte? Volto já a ella, com a mesma alegria com que em 1847 levava as penosas marchas de oito e dez leguas por dia, cantando a parodia da *Luisinha:*

> Ora, agora, agora,
> Luisinha agora,
> Lá vão os Cabraes
> Pela barra fóra.

Isto tudo com o coração lavado de odios, como se entoassemos as farfalheiras coplas da *Anna Brites*, ou as da *Mulher do Sachristão*, que nada ficavam a dever ás primeiras em bom humor gaiato, nem no equivoco pouco orthodoxo dos conceitos.

Nos dias em que o patriotismo se nos azedava no estomago, á mingua de mais sadio alimento, então é que era dar vasão a todos os hymnos, desde o hymno de *Vinte*, o patriarcha de todos elles, até ao do *Minho* e ao *Academico*, intercalados com as coplas do *Alfageme:*

> É o fogo que a espada tempera
> Que tempera nosso coração;
> O alfageme, se a patria o espera,
> Se ella arvora seu nobre pendão,
> Deixa a forja — e á patria que espera
> Leva a espada! leva o coração!

A que todos nós respondiamos em côro:

> Alfageme, a patria te espera,
> Deixa a forja! leva o coração!

(Continúa)

L. A. Palmeirim.

UM CAÇADOR AFRICANO (Segundo uma photographia do sr. Moraes)

RESENHA NOTICIOSA

CONCURSO INTERNACIONAL. Em Milão vae ser aberto um concurso internacional para o projecto de reconstrucção da fachada da cathedral d'aquella cidade. Esse projecto deverá estar de accordo com o resto do edificio, e para esse fim vae ser enviado a todas as academias o programma. O rei de Italia protege esta idéa e a cidade de Milão confere o premio de 40:000 francos ao projecto que fôr approvado, além de outros premios inferiores, aos projectos que tiverem menção honrosa. Não se marca orçamento á obra, o que permitte ao artista toda a liberdade de imaginação.

HOMENAGEM A CAPELLO E IVENS. A secção da Sociedade de Geographia de Lisboa, no Rio de Janeiro, enviou um album com uma mensagem congratulatoria pela travessia d'Africa pelos ousados exploradores Capello e Ivens, e firmada por 704 assignaturas, entre as quaes figuram as da familia imperial do Brazil, corpo diplomatico e consular, membros da imprensa e damas e cavalheiros da alta sociedade fluminense. O album é primorosamente encadernado em couro da Russia, com guarnições prateadas e emblema da secção e corôa real portugueza na face da capa. Este trabalho foi executado pelos srs. Maximiano & C.ª do Rio de Janeiro, e uma caixa de raiz de vinhatico, primorosamente trabalhada, em que se guarda o album, foi feita pelo sr. A. Castro Leite.

FALLECIMENTO. Morreu em Braga com 79 annos de idade, o antigo professor do lyceu d'aquella cidade o sr. Manuel Pinheiro de Almeida e Azevedo, que regera as cadeiras de philosophia, principios de direito nacional e foi por algum tempo secretario do mesmo lyceu. Era socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e publicou varias obras, entre as quaes *Metaphysica de Genueuse reformada, Noções elementares de philosophia moral, Compendio de philosophia racional*, etc.

NUMISMATICA. Na freguezia de Moure, concelho de Braga, encontraram-se em umas escavações, grande porção de moedas romanas de bronze, mettidas em um pote de barro. Essas moedas, algumas d'ellas perfeitamente conservadas, teem as ephiges dos imperadores romanos, Julio Cesar, Nero e Adriano Augusto.

CASAMENTO DE S. A. O PRINCIPE D. CARLOS. Foi assignado em Paris, no dia 14 do corrente, a escriptura antinupcial do casamento de S. A. o principe D. Carlos, com a princeza Maria Amelia de Orleans.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Hervas, O Cantico dos Canticos, versos de Coelho de Carvalho. Typographia Elzeviriana, Lisboa, 1886. Um elegante livrinho de cento e tantas paginas, com primorosos versos, e não temos outro adjectivo que melhor lhe quadre, e que melhor exprima as delicadas estrophes que o auctor bordou nas paginas do seu livro. Primoroso é precisamente o termo, primoroso na fórma, primoroso na inspiração, e sem quebrar as cordas da lyra cantando o lupanar, o vicio, as miserias humanas, faz tangel-as com toda a suavidade de um ceu azul, em que cada verso é uma estrella que scintilla e não fogo que queima. Esta qualidade dá aos versos do sr. Coelho de Carvalho uma distincção, infelizmente pouco vulgar hoje, em que uma grande parte dos poetas modernos se vão inspirar nos mais asquerosos assumptos como em canteiro de flores, aviltando a poesia que necessariamente só se fez para o bello, para o grande, para o levantado. Poderiamos citar muitos dos versos que se encontram no livro do sr. Coelho de Carvalho, desejariamos mesmo transcrever todos, porque todos são selectos, mas na impossibilidade de o fazer, transcrevemos n'outro logar a poesia *O Monte das Oliveiras*, que é um verdadeiro primor. Da edição o que diremos, sabendo-se que é feita na Typographia Elzeviriana, e editada por Alberto de Oliveira, um artista de coração, que é mais artista que editor, e por isso se lhe não podermos dar os parabens pelos lucros que auferir da especulação, damos-lh'os desde já pelo bello livrinho que apresentou ao publico.

Bibliotheca do Povo e das Escolas. David Corazzi, editor, Lisboa. Volume n.º 125. *Plantas uteis dos campos de Portugal*, por João de Mendonça, professor naturalista, membro do Instituto de Coimbra, da Sociedade Broteriana, da Sociedade Linneana da Suecia, collaborador do *Herbarium Normale* de Schultz, etc. É escusado encarecer a utilidade d'este livrinho, porque a todos interessa conhecer as plantas pela sua importancia e valor, quer como agentes medicinaes, quer como materia industrial, quer como estudo dos mais recreativos e que mais se casam com o espirito. É sob estes diversos pontos de vista que, resumidamente, o sr. João de Mendonça, trata o assumpto com a proficiencia e distincção já conhecida em muitas obras suas.

A rua da Amargura, por D. Manuel Juan Diana, traducção livre. Joaquim Antunes Leitão, editor, Porto. 2.º, 3.º e 4.º volume d'este apreciavel romance, que mereceu ao seu auctor o ser premiado pela Academia Hespanhola. O sr. Joaquim Antunes Leitão tem sempre escolhido com inexcedivel escrupulo os romances que tem publicado na sua antiga e muito acreditada *Bibliotheca do Cura de Aldeia*, e tanto isto é verdade que, da maior parte dos romances editados, tem feito segundas e terceiras edições, o que é extraordinario em Portugal, e só se explica por uma grande popularidade que esses livros teem alcançado. *A Rua da Amargura* parece-nos que entrará em o numero dos romances de que o sr. Leitão terá de fazer successivas edições.

TYP. ELZEVIRIANA — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.